

Destaque



Floresta vale mais de 1,3 mil milhões e está subaproveitada

Tecido florestal dá muito a ganhar ao país, mas intervenientes pedem políticas mais adequadas e apoios mais ajustados. Há unanimidade em admitir que há um enorme potencial de crescimento *Texto: Teresa Costa e Ildia Pinto*

A floresta vale, pelo menos, 1,3 mil milhões de euros. Essa foi a avaliação feita em 2001 e é a que consta no despacho do Conselho de Ministros da Estratégia Nacional para a Floresta aprovado no ano passado. Américo Mendes, professor de Economia na Universidade Católica do Porto, autor da aquela avaliação, repartiu-a em três grandes fatias: 41% resulta da produção de madeira, 47% vem de outros produtos e serviços e 12% provém de serviços ambientais. Dezanove anos depois, Américo Mendes considera que, agora, é necessário ter em conta que o impacto dos danos causados pelos incêndios é maior; por consequência, os produtos para comercializar baixaram, mas a componente positiva associada à floresta teria de ser revista caso a caso.

Certo é que só a silvicultura representou, em 2015, um volume de negócios de 793 milhões de euros (15% face a 2013), com 7646 empresas (1603 unidades) e 12716 trabalhadores (3147 pessoas), para um valor acrescentado bruto (VAB) de 208 milhões de euros (55%). As importações subiram 3%, de 2013 a 2016, para 271



sábado, 24 de junho de 2017
www.dinheirovivo.pt

07



milhões de euros, mantendo este ano, até abril, a tendência de subida. Já as exportações tiveram uma profunda queda, de 59%, naquele período, para 50 milhões de euros, prolongando este ano igual evolução, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE).

Floresta: longe do potencial

A floresta é a base de um setor cheio de oportunidades que poderiam ser mais bem aproveitadas, garante a diretora executiva da Forestis Associação Florestal de Portugal. Rosário Alves acredita que as exportações da fileira (designa tudo o que está implicado na exploração florestal, incluindo a indústria), que representam 15% do total das exportações nacionais, poderiam facilmente duplicar no espaço de 20 anos. Mas para isso são precisas políticas públicas adequadas e previsíveis e o empenho dos agentes económicos.

Rosário Alves garante que a produção florestal está a 50% da sua capacidade, fruto de uma gestão florestal desadequada. Falta mão-de-obra qualificada e não há uma aposta clara na formação, na capa-

citação e na transferência tecnológica para os produtores florestais, diz. Por outro lado, o país precisa de recuperar os 150 mil hectares de floresta perdidos na última década, mas falta financiamento público que ajude a diminuir o risco do investimento privado. Os apoios públicos, assegura, são diminutos e desadequados, com os critérios de avaliação dos projetos em sede de PDR 2020 a dificultarem a elegibilidade das zonas florestais do Norte, Centro e Alentejo. Dos 42 milhões de euros já aprovados em sede de PDR, metade foi para o Alentejo.

Cortiça: líder mundial

É a estrela do cluster: com 736 mil hectares de sobreiro e uma produção anual de 90 mil toneladas, correspondentes a 50% da produção mundial, Portugal é líder do setor. As exportações de cortiça atingiram, em 2016, os 937,5 milhões de euros, valor recorde que reafirma a confiança de empresários e investidores, diz a Associação da Cortiça, a APCOR. As rolhas representam 70% das exportações, mas há uma infinidade de novos usos da cortiça, desde os materiais de

País precisa de repor, pelo menos, os 150 mil hectares de floresta ardida nos últimos dezanos.

FOTO: RODRIGO CABRITA/GCI

FILEIRA INDUSTRIAL

219

—mil milhões de euros
Volume de negócios das indústrias da fileira florestal (cortiça, papel, madeiras e mobiliário) em 2015.

141

—mil trabalhadores estavam empregados, há dois anos, nas 21 164 empresas da fileira florestal em Portugal.

construção, aos transportes, ao calçado ou o têxtil. Para continuar a crescer, esta indústria, que conta com 670 empresas e dá emprego a nove mil pessoas, precisa de encontrar novos modelos de produção e novas estratégias que lhe permitam aumentar a matéria-prima.

Até porque a indústria importa já, todos os anos, mais de 160 milhões de euros de cortiça. Uma das soluções, diz João Rui Ferreira, presidente da APCOR, está na plantação de sobreiros com regras de instalação melhorada. O que permite mais do que duplicar a densidade de árvores por hectare, mas também diminuir os índices de mortalidade e reduzir, em mais de 15 anos, o primeiro ciclo de produção. A indústria está disponível para partilhar este investimento que, sendo maior à cabeça, permite aumentar a produtividade, tornando o retorno muito mais rápido e com margens muito maiores. O objetivo final é trazer mais valor à floresta, distribuindo-o ao longo da cadeia.

Madeira: falta matéria-prima

As exportações das indústrias de madeira e de mobiliário portuguesas cresceram mil milhões de euros entre 2009 e 2015 e valem já mais 2331 mil milhões. No entanto, o presidente da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal garante que este valor pode facilmente crescer para 3,5 milhões de euros, ou mais, no espaço de uma década: É fácil aumentarmos as nossas exportações cem milhões de euros ao ano, nos próximos dez anos, se forem criadas condições de investimento nas empresas e de acesso às matérias-primas. É uma questão de o país querer, ou não, fazê-lo, defende Vítor Poças.

A falta de matéria-prima em quantidade e a preço competitivo é a principal limitação da indústria, que importa mais de 20% da madeira que usa. Não podemos continuar a queimar mais de cem mil hectares de floresta todos os anos, a maioria dela de pinho, e destruir toda uma indústria recordista na manutenção de emprego nas indústrias de base florestal, diz.

Papel: no pódio europeu

Com 2,2 milhões de toneladas de papel e 2,5 milhões de toneladas

de pasta produzidas em 2015, Portugal é o maior produtor europeu de papel fino de impressão e escrita não revestido e o terceiro maior de pastas químicas. E exporta praticamente tudo o que fabrica para mais de 140 países. Em 2016, e segundo o INE, o setor exportou quase 2,4 mil milhões de euros. Um desempenho económico positivo acompanhado, garante a Associação da Indústria Papeleira Portuguesa, de uma preocupação crescente com o ambiente: As empresas iniciaram, logo nos anos 80, fortes investimentos do foro ambiental, sublinha Carlos Vieira, diretor-geral da Celpa, destacando a substituição de combustíveis fósseis por biomassa (casca de madeira, resíduos florestais e licor negro). As empresas têm ainda apostado em sistemas de gestão sustentável das áreas florestais por si geridas: eram 202 mil hectares, em 2015, correspondentes a 2,3 do território nacional.

Ambiente: muito a mudar

Para João Branco, presidente da Quercus, a floresta tem de ser obrigatoriamente mais bem aproveitada, com uma parte dela a ter de sair do sistema de produção para a indústria e a ficar mais dedicada a outras valências, desde logo ao serviço dos ecossistemas. João Branco apela ao Estado que dê o exemplo e aplique essa mudança nas matas nacionais, como o pinhal de Leiria. Só assim se pode garantir água de qualidade nas nascentes e nas bacias hidrográficas e a fixação do carbono.

A produção de uso múltiplo, como turismo, produção de resina, cogumelos, caça, apicultura ou piscicultura, serão outras das componentes a explorar, bem como a conservação da biodiversidade. A proteção dos solos é outro ponto relevante, porque a produtividade está diretamente proporcional à sua quantidade. João Branco ilustra: Se uma floresta tem um solo com vinte centímetros, pode produzir vinte toneladas de eucalipto. Com incêndios, parte da terra é arastada e se ficar só com dez centímetros, a produção de eucaliptos cai para dez toneladas, o que desvaloriza um imóvel.

Turismo: um motor

O turismo de natureza e no espaço rural pode potenciar atividades ▶

lateralis ao setor, mas é muito sensível a qualquer foco de instabilidade que tenha a ver com a insegurança das pessoas, admite Cândido Mendes, presidente da Federação Portuguesa de Turismo Rural. Há 1713 registos de empreendimentos de turismo em espaço rural e 18 reconhecidos como de turismo da natureza. No ano passado, os centros de interpretação das áreas protegidas geridas pelo ICNF mereceram a visita de 23 mil pessoas, um pouco abaixo das 18 mil do ano anterior.

Caça: Vários ganhos

A importância da caça é indissociável da floresta e do desenvolvimento rural, salvaguarda Jacinto Amaro, presidente da Federação Nacional da Caça, para explicar que a atividade combate a sazonalidade do turismo nas regiões do interior e o próprio abandono, sublinhando que há zonas do país onde é o principal produto.

Em 2016, havia 250 mil caçadores registados e aprovadas 116 mil licenças de caça. Estas últimas, juntamente com as taxas aplicadas às zonas de caça, geraram receitas de 10 milhões de euros para o Estado, estima Jacinto Amaro. O INE acrescenta que havia 124 empresas de caça, em 2014, com 193 pessoas ao serviço e um volume de negócios de 6,5 milhões de euros. O líder federativo acredita que a caça movimente anualmente 600 milhões de euros em Portugal.

Castanha: faltam terrenos

O INE aponta para uma produção de 26 mil toneladas de castanha em 2016, mas José Carlos Laranjo, presidente da Associação Portuguesa da Castanha e professor na UTAD, fala no dobro: 45 toneladas, estimando um rendimento médio líquido de 4 a 5 mil euros por hectare. E dá mais argumentos para que se olhe para o castanheiro como uma boa alternativa para replantar as áreas ardidas: um hectare de castanheiros produz seis toneladas de folhas que, ao caírem, enriquecem o solo e evitam a propagação do fogo. Essas folhas devolvem à atmosfera cerca de 38 toneladas de água por hectare e são um excelente regulador do clima.

Por último, a fileira procura mais terrenos para responder à forte procura. As exportações

O negócio da floresta



Espécies florestais



Volume de negócios em milhões de euros

Ano	2015	2014	2013
Valor	688,2	801,4	783,2

Valor acrescentado bruto em milhões de euros

Ano	2015	2014	2013
Valor	134,8	168,3	204,4

Valor acrescentado bruto do setor florestal: 1,3 mil milhões de euros

Fonte: INE, 2016. Outros dados estatísticos, segundo o Estratégia Nacional para a Floresta, publicado em Novembro de 2016, em 2016.

cresceram 12 vezes de 2015 para 2016 e estão em 50,9 milhões de euros.

Pinhão: goc por quilograma

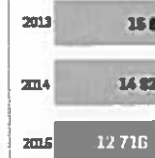
O pinheiro manso é a quinta espécie silvícola mais importante em Portugal e pode não ficar por aqui. Concentra-se no Alentejo e Ribatejo, mas está a expandir-se para Oes-

te e Centro, num crescimento assinalável nos últimos vinte anos, refere Nuno Calado, secretário-geral da União da Floresta Mediterrânica. Em 2016, havia 3400 operadores autorizados para a apanha da pinha, com uma colheita de 86 mil toneladas. Há unidades de transformação da pinha em Alcácer do Sal, Grândola e Coruche, mas a esmagadora maioria é exportada e transformada em Espanha e Itália. No ano passado, o país exportou oito milhões de euros em pinhão, mas em 2014 tinham sido 15 milhões, uma diferença atribuída à queda do preço no mercado internacional. Nas compras, o consumidor não beneficia dessa baixa, continuando a pagar 90 euros por quilograma, quando no produtor está nos 35 euros.

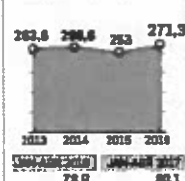
Cogumelos: mais regras

Eurico de Sousa pede regras claras para a apanha dos cogumelos selvagens e nos montados ou soutos privados, porque o resultado tem sido, diz, a apropriação indevida do produto, que depois é vendido para a exportação. Dono da empresa Micellium, em Vila Flor, apelara para que se siga o exemplo de ou-

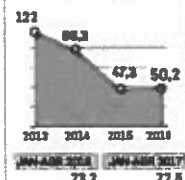
Trabalhadores



Importações em milhões de euros



Exportações em milhões de euros



Ocupação do solo



“São criadas barreiras no acesso aos apoios e depois argumenta-se que a execução dos fundos comunitários é baixa. O argumento da falta de dinâmica dos produtores florestais é falacioso”

— Rosário Alves Forestis

tros países onde há datas e quantidades definidas para a apanha do cogumelo selvagem, ou onde só pode apanhar quem tem licença. Indigna-se igualmente com a proteção que o Estado tem dado ao eucalipto e ao pinheiro, em detrimento das espécies que fazem de barreira ao fogo, como castanheiro e carvalho, de crescimento lento, mas adequadas à produção de cogumelos, que ajudariam a colmatar o rendimento: no ano passado, o país exportou 2,6 toneladas de cogumelos, por 7,9 milhões de euros.

Mel: 70% está nas florestas

Portugal distingue-se de outros países europeus por ser na floresta que se desenvolve a maior parte da apicultura. É lá que estão 70% dos apiários e onde é produzido algum do mel mais reputado, como o de rosmaninho, urze ou alecrim, assinala Manuel Gonçalves, presidente da Federação Nacional dos Apicultores de Portugal.

O VAB do setor apícola subiu 53% de 2013 para 2015, atingindo 76,2 milhões de euros, um incremento atribuído ao aumento do preço do mel no produtor, devido

a uma forte quebra da produção, que Manuel Gonçalves explica com as alterações climáticas. Há dez mil apicultores registados, 10 dos quais profissionais.

Resina: Leiria é o forte

Há 500 pessoas dedicadas à resina-gem e seis empresas a fazer a sua transformação. Mais de metade da extração efetua-se no distrito de Leiria, mas a área de pinhal bravo relevante para a atividade vai de Chaves até ao litoral do Alto Alentejo. Os incêndios têm sido um grande problema, assume Miguel Santos, técnico florestal da associação ResiPinus. O inventário florestal de 2013 contava 700 mil hectares de pinheiro bravo. Os últimos incêndios fazem temer o pior, quando há uma nova procura do produto a nível internacional. Portugal produz oito a nove mil toneladas de resina por ano (cerca de nove milhões de euros), paga ao produtor 1 kg. Mas os pinheiros demoram 20 a 30 anos a atingir os 20 centímetros de diâmetro necessários para obter a resina. No ano 1970-80, o país chegou a ser o segundo maior produtor mundial.